

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JULIE
CLARK

DUAS MULHERES.

DOIS VOOS.

UMA ÚLTIMA
OPORTUNIDADE
DE FUGA.

O
ÚLTIMO
VOO

**JULIE
CLARK**

TRADUÇÃO ROBERTA SARTORI

**O
ÚLTIMO
VOO**



Dedicado a todas as mulheres que vieram a público
com suas histórias. Seja diante de uma sessão do
Congresso ao vivo na televisão ou sozinhas em uma
sala de recursos humanos sem janelas — nós ouvimos
vocês. Nós acreditamos em vocês.



Fale-me de desespero, do seu desespero, e eu lhe falarei do meu.
Enquanto isso, o mundo segue adiante.

Mary Oliver, *Gansos Selvagens*

PRÓLOGO

Aeroporto John F. Kennedy, Nova York

Terça-feira, 22 de fevereiro

Dia do Acidente

O Terminal 4 está lotado; o cheiro de lã molhada e combustível de avião ao meu redor é forte. Espero por ela, logo depois das portas de correr de vidro, com o vento frio do inverno batendo em mim sempre que elas se abrem e, em vez de focar nisso, eu me forço a imaginar a brisa amena de Porto Rico, misturada com o aroma de hibisco e sal marinho. O espanhol suave e carregado de sotaque me envolve como um banho morno, apagando a pessoa que eu era antes.

Do lado de fora, o ar ruge com a decolagem dos aviões, enquanto, aqui dentro do terminal, anúncios confusos ecoam pelos alto-falantes. Em algum lugar atrás de mim, uma idosa fala em um italiano ríspido e entrecortado. Mas não desvio meu olhar, mantenho os olhos fixos na calçada lotada do lado de fora do terminal, procuro por ela, ancorando minha crença — e todo meu futuro — no fato de que ela virá.

Eu sei apenas três coisas sobre ela: seu nome, sua aparência e que seu voo parte esta manhã. Minha vantagem: ela não sabe nada a meu respeito. Luto contra o pavor de que eu possa tê-la perdido de alguma forma. De que ela já possa ter ido embora e, com ela, a oportunidade de eu deixar esta vida e começar uma nova.

Pessoas desaparecem todos os dias. O homem na fila da Starbucks, comprando seu último café antes de entrar no carro e partir para uma nova vida, deixando para trás uma família que sempre irá se perguntar o que aconteceu. Ou a mulher sentada na última fileira de um ônibus da companhia Greyhound,

olhando pela janela enquanto o vento sopra fios de cabelo em seu rosto, apagando uma história pesada demais para suportar. Você pode estar ao lado de alguém que está vivendo seus últimos momentos e nunca saber disso.

Mas pouquíssimas pessoas de fato param para pensar o quão difícil é realmente desaparecer. O nível de detalhe necessário para eliminar até o menor vestígio. Porque sempre há alguma coisa. Um pequeno fio, uma semente de verdade, um erro. Basta um pequeno detalhe para que tudo desmorone. Um telefonema no momento em que estamos saindo. Um pequeno acidente de carro a três quarteirões da entrada da rodovia. Um voo cancelado.

Uma mudança de itinerário de última hora.

Através da porta de vidro, embaçada pelo ar condensado, vejo um carro preto luxuoso deslizar até à calçada, e eu sei que é ela, antes mesmo de a porta se abrir e ela sair. Quando o faz, não se despede da pessoa com quem está sentada no banco traseiro. Em vez disso, ela se apressa rapidamente pela calçada e passa pelas portas de correr, tão perto que seu suéter de cashmere cor-de-rosa roça em meu braço, macio e convidativo. Seus ombros estão curvados, como se esperassem o próximo golpe, o próximo ataque. Essa é uma mulher que sabe com que facilidade um tapete de cinquenta mil dólares pode arrancar a pele de sua bochecha. Eu a deixo passar e respiro fundo, liberando a tensão. Ela está aqui. Posso começar.

Coloco a alça da bolsa sobre o ombro e sigo, entrando na fila de segurança bem na frente dela, sabendo que quem está fugindo só olha para trás, nunca para a frente. Eu escuto e espero a minha deixa.

Ela ainda não sabe, mas em breve se tornará uma das pessoas desaparecidas. E eu vou evaporar, como uma nuvem de fumaça no céu, e desaparecer.

CLAIRE

Segunda-feira, 21 de fevereiro

Dia anterior ao Acidente

— Danielle — digo, entrando no pequeno escritório ao lado da nossa sala de estar. — Por favor, avise ao sr. Cook que vou à academia.

Ela levanta os olhos do computador e vejo seu olhar se fixar no hematoma que está na base do meu pescoço, escondido por uma fina camada de maquiagem. Automaticamente ajeito o cachecol para cobri-lo, sabendo que ela não irá fazer nenhum comentário. Ela nunca o faz.

— Temos uma reunião na Center Street Literacy às quatro — diz ela.
— Você vai se atrasar de novo.

Danielle mantém o controle da minha agenda e dos meus passos em falso, e eu a considero a pessoa mais propensa a me denunciar quando não chego na hora às reuniões ou quando cancelo compromissos que Rory, meu marido, considera importantes. “Se vou concorrer ao Senado, não podemos nos dar ao luxo de cometer erros, Claire.”

— Obrigada, Danielle. Eu consigo ler a agenda tão bem quanto você. Por favor, envie minhas anotações da última reunião e as tenha em mãos. Encontro você lá. — Ao sair da sala, ouço-a atender ao telefone, e meus passos vacilam, sabendo que isso pode chamar a atenção em um momento no qual não posso me dar ao luxo de que isso aconteça.

As pessoas sempre perguntam como é ser casada com um membro da família Cook, uma dinastia política superada apenas pelos Kennedy. Desvio a conversa com informações sobre a nossa fundação, treinada para manter o foco no trabalho em vez dos boatos. Sobre nossas iniciativas de

alfabetização e abastecimento de água para países do Terceiro Mundo, os programas de mentoria em áreas urbanas e a pesquisa sobre o câncer.

O que não posso dizer a eles é que é uma luta constante para conseguir alguma privacidade. Há pessoas ao redor o tempo todo, mesmo dentro de casa. Assistentes. Funcionários que cozinham e limpam para nós. Tenho que lutar por cada minuto livre e cada centímetro quadrado para chamar de meu. Não há nenhum lugar a salvo dos olhos da equipe de Rory, todos eles dedicados empregados dos Cook. Mesmo depois de dez anos de casamento, ainda sou a intrusa. A forasteira que precisa ser vigiada.

Aprendi a me assegurar de que não há nada para ver.

A academia é um dos poucos lugares nos quais Danielle não me persegue com suas listas e agendas. É onde encontro Petra, a única amiga que me resta da minha vida antes de Rory, e a única que Rory não me forçou a abandonar.

Porque, até onde Rory sabe, Petra não existe.

* * *

Quando chego à academia, Petra já está lá. Troco de roupa no vestiário e, quando subo as escadas para onde ficam as esteiras, ela está no patamar, pegando uma toalha limpa da pilha. Nossos olhares se encontram por um momento, e então ela olha para outro lugar enquanto pego uma toalha.

— Você está nervosa? — ela sussurra.

— Apavorada — respondo, virando-me e indo embora.

Corro por uma hora, com os olhos fixos no relógio, e quando entro na sauna exatamente às duas e meia, com uma toalha enrolada no corpo, meus músculos doem de exaustão. O ar está denso com o vapor, e sorrio para Petra, que está sentada sozinha na fileira de cima, com o rosto vermelho devido ao calor.

— Você se lembra da sra. Morris? — ela pergunta quando me sento ao seu lado.

Sorrio, grata por me lembrar de algo de uma época mais simples. A sra. Morris foi nossa professora de ciências políticas no ensino médio, e Petra quase foi reprovada na disciplina.

— Você estudou comigo todas as tardes durante um mês — ela continua. — Quando nenhuma das outras crianças se aproximava de mim

ou de Nico por causa de quem era o nosso pai, você veio e garantiu que eu me formaria.

Eu me viro no banco de madeira para olhar diretamente para ela.

— Falando desse jeito parece até que você e Nico eram párias. Vocês tinham amigos.

Petra balança a cabeça.

— Pessoas que são legais com você porque seu pai é a versão russa do Al Capone não as torna suas amigas. — Nós estudávamos em uma escola de elite na Pensilvânia, onde os filhos e netos de famílias ricas tradicionais viam Petra e seu irmão, Nico, como uma novidade, aproximando-se deles como se estivessem em um desafio, para ver o quão perto conseguiam chegar, mas nunca deixando que nenhum deles se sentissem parte de fato.

E assim formamos um trio de excluídos. Petra e Nico se certificavam de que ninguém zombasse do meu uniforme de segunda mão ou do Honda velho que minha mãe dirigia para me buscar, que vinha chacoalhando até chegar à calçada e soltava fumaça pelo escapamento. Eles se certificavam de que eu não comesse sozinha e me arrastavam para eventos da escola aos quais, se não fosse por eles, eu teria faltado. Eles se colocavam entre mim e as outras crianças, aquelas que faziam comentários cruéis e ofensivos sobre como eu era apenas uma bolsista, pobre demais, comum demais para realmente fazer parte daquele mundo. Petra e Nico se tornaram meus amigos em uma época em que eu não tinha nenhum.

* * *

Pareceu coisa do destino o dia em que entrei na academia, dois anos atrás, e vi Petra, uma aparição do meu passado. Mas eu não era a mesma pessoa de quem Petra se lembrava do ensino médio. Muita coisa havia mudado. Muitas coisas que eu precisaria explicar sobre a minha vida e o que eu havia perdido ao longo do caminho. Então, me mantive olhando para o outro lado enquanto o olhar de Petra me penetrava, querendo que eu olhasse para ela. Que a reconhecesse.

Assim que meu treino terminou, fui para o vestiário, na esperança de me esconder na sauna até Petra ir embora. Mas, quando entrei, lá estava ela. Como se esse tivesse sido o nosso plano o tempo todo.

— Claire Taylor — disse ela.

Ouvi-la dizer meu antigo nome me fez sorrir, apesar de tudo. As lembranças rapidamente vieram à tona, presentes no tom e na cadência da voz de Petra, que ainda carregava um traço do russo que ela falava em casa. Em um instante, me senti como antes, não a persona que cultivei ao longo dos anos como esposa de Rory, elegante e misteriosa, enterrando segredos sob uma superfície dura.

Começamos devagar, uma conversa fiada que rapidamente se tornou pessoal à medida que colocávamos em dia os anos desde que nos vimos pela última vez. Petra nunca se casou. Em vez disso, deixou a vida a levar, sendo sustentada pelo irmão, que agora comandava a organização da família.

— E você? — perguntou ela, apontando para minha mão esquerda. — É casada?

Eu a analisei através do vapor, surpresa por ela não saber.

— Eu me casei com Rory Cook.

— Impressionante — disse Petra.

Desviei o olhar, esperando que ela fizesse as perguntas que todos sempre faziam: o que realmente aconteceu com Maggie Moretti, o nome que estará para sempre ligado ao do meu marido; a jovem que havia saltado do anonimato para a infâmia simplesmente porque, há muito tempo, amou Rory.

Mas Petra apenas se recostou no banco e disse:

— Eu vi a entrevista que ele deu para Kate Lane na CNN. O trabalho que ele tem feito com a fundação é extraordinário.

— Rory é muito apaixonado. — Uma resposta que transmitia a verdade, caso alguém se desse ao trabalho de investigar mais a fundo.

— Como estão sua mãe e sua irmã? Violet já deve ter terminado a faculdade a esta altura.

Eu temia essa pergunta. Mesmo depois de tantos anos, a perda delas ainda era dolorosa.

— Elas morreram em um acidente de carro há quatorze anos. — Violet tinha acabado de completar onze anos. Mantive minha explicação breve. Uma noite chuvosa de sexta-feira. Um motorista bêbado que avançou um sinal de pare. Uma colisão na qual ambas morreram instantaneamente.

— Oh, Claire — disse Petra. Ela não ofereceu clichês nem me forçou a reviver os acontecimentos. Em vez disso, sentou-se comigo, deixando o silêncio acolher minha dor, sabendo que não havia nada que pudesse ser dito para amenizá-la.

Virou parte da rotina nos encontrarmos na sauna todos os dias após os treinos. Petra entendia que, devido à sua família, não podíamos ser vistas conversando em público. Mesmo antes de sabermos o que eu acabaria fazendo, já éramos cautelosas, raramente nos comunicávamos por telefone e jamais por e-mail. Porém, na sauna, ressuscitamos nossa amizade, reconstruindo a confiança que compartilhávamos, lembrando a aliança que nos ajudou a superar o ensino médio.

Não demorou muito para que Petra também percebesse o que eu estava escondendo.

— Você sabe que precisa deixá-lo, né? — disse ela certa tarde, vários meses depois de termos nos reencontrado. Ela estava olhando para um hematoma no meu braço esquerdo, resquício de uma discussão que Rory e eu havíamos tido duas noites antes. Apesar dos meus esforços para esconder a evidência — uma toalha puxada mais para cima em volta do meu peito, pendurada no meu pescoço ou jogada sobre os ombros —, Petra observou silenciosamente a progressão da raiva de Rory na minha pele. — Essa não é a primeira vez que vejo um desses em você.

Cobri o hematoma com a toalha, sem querer a piedade dela.

— Eu tentei, uma vez. Há cerca de cinco anos. — Eu acreditava que era possível sair do meu casamento. Eu me preparei para uma briga, sabendo que seria complicada e que custaria caro, mas usaria o abuso dele como vantagem. *Me dê o que eu quero e eu ficarei em silêncio sobre o tipo de homem que você é.*

Mas não foi nada disso o que acabou acontecendo.

— Acontece que a mulher em quem eu havia confiado, que tentou me ajudar, era casada com um antigo colega de fraternidade do Rory. E quando Rory apareceu, o marido dela abriu a porta e o deixou entrar, cumprimentando-o como se fossem velhos amigos, com aperto de mão secreto e tudo. Rory disse a eles que eu estava lutando contra uma depressão, fazendo tratamento com um psiquiatra, e que talvez tivesse chegado a hora de me internar.

— Ele ia internar você?

— Ele estava me avisando que as coisas poderiam ficar muito piores. — Não contei o resto para Petra. Como, por exemplo, quando chegamos em casa e ele me empurrou com tanta força contra a bancada de mármore da nossa cozinha que eu quebrei duas costelas. *Seu egoísmo me surpreende.*

Que você esteja disposta a destruir tudo o que trabalhei para construir — o legado da minha mãe — porque discutimos. Todos os casais discutem, Claire. Ele apontou para os eletrodomésticos de última geração e para as bancadas caras, e disse: Olhe ao seu redor. O que mais você poderia querer? Ninguém vai sentir pena de você. Ninguém vai nem sequer acreditar em você.

O que era verdade. As pessoas queriam que Rory fosse quem elas pensavam que ele era: o carismático filho da progressista e amada senadora Marjorie Cook. Eu jamais poderia contar a ninguém o que ele fazia comigo, porque não importava o que eu dissesse ou o quão alto eu dissesse, as minhas palavras seriam enterradas sob o amor que todos sentiam pelo único filho de Marjorie Cook.

— As pessoas jamais verão o que eu vejo — eu disse finalmente.

— Você realmente acredita nisso?

— Você acha que, se Carolyn Bessette aparecesse acusando JFK Jr. de agredi-la, o país correria para apoiá-la?

Petra arregalou os olhos.

— Você está brincando? Estamos na era do #MeToo. Acho que as pessoas se desdobrariam para acreditar nela. Provavelmente criariam novos programas na Fox e na CNN só para discutir o assunto.

Dei uma risada sem vida.

— Em um mundo ideal, eu responsabilizaria Rory. Mas não tenho coragem de encarar uma briga dessas. Uma briga que duraria anos, que se infiltraria em todos os cantos da minha vida e mancharia qualquer coisa boa que pudesse vir depois. Eu só quero me livrar disso. Dele.

Depor contra Rory seria como entrar em um abismo e confiar que eu seria salva pela generosidade e bondade dos outros. E eu vivi muitos anos com pessoas que ficavam felizes em me ver cair, se isso significasse que poderiam ficar perto de Rory. Neste mundo, dinheiro e poder eram equivalentes à imunidade.

Respirei fundo e senti o vapor chegar até os cantos mais profundos dos meus pulmões.

— Se eu o deixasse, teria que fazer isso de uma forma que ele nunca pudesse me encontrar. Veja o que aconteceu com Maggie Moretti.

Os contornos do rosto de Petra estavam borrados pelo vapor que se espalhava entre nós, mas eu podia ver seu olhar se aguçar.

— Você acha que ele teve algo a ver com aquilo?

— Não sei mais em que acreditar — respondi.

Ao longo do ano seguinte, Petra e eu elaboramos um plano, coreografando meu desaparecimento com mais precisão do que um balé. Uma sequência de eventos tão perfeitamente sincronizada que não poderia haver espaço para erros. E agora estou aqui, a poucas horas de executá-la. O chiado do vapor embaça o ar ao nosso redor. Petra é apenas uma sombra tênue no banco de cedro ao meu lado.

— Você enviou tudo pelo correio esta manhã? — pergunto a ela.

— FedEx, endereçado a você, com a etiqueta “Pessoal”. Deve chegar ao hotel amanhã de manhã bem cedo.

Eu não podia arriscar esconder tudo o que tinha reunido em minha casa, onde qualquer pessoa — as empregadas, ou pior, Danielle — poderia encontrar. Então, Petra guardou tudo: quarenta mil dólares do dinheiro de Rory e uma nova identidade, graças a Nico.

— A nova tecnologia do governo está tornando mais difícil produzir uma dessas — disse ele na tarde em que fui visitá-lo. Estávamos sentados à mesa de jantar em sua enorme residência em Long Island. Ele havia se tornado um homem atraente, com esposa e três filhos. Além dos guarda-costas, dois posicionados na entrada da garagem e outros dois na porta da frente. Ocorreu-me que Rory e Nico não eram tão diferentes. Cada um deles era o filho escolhido, pressionado a levar a família para o século XXI, com novas regras e regulamentos. Ambos esperavam fazer mais do que a geração anterior; ou, no mínimo, não perder tudo.

Nico deslizou um envelope volumoso em minha direção, e eu o abri, tirando uma carteira de motorista de Michigan em perfeitas condições e um passaporte com meu rosto e o nome *Amanda Burns*. Folheeí o restante... um cartão de seguro social, uma certidão de nascimento e um cartão de crédito.

— Você poderá fazer qualquer coisa com isso — falou Nico, pegando a carteira de motorista e inclinando-a sob a luz para que eu pudesse ver o holograma gravado em relevo na superfície. — Votar. Pagar impostos. Preencher um formulário W-2. Isso é coisa de alto nível, e meu contato é o melhor. Só tem uma pessoa que consegue fazer um pacote completo tão bom, e ele mora em Miami. — Nico me entregou o cartão de crédito; uma conta no Citibank com meu novo nome. — Petra abriu essa conta na semana passada, e os extratos serão enviados para o endereço dela. Quando você tiver

se estabelecido, pode alterá-lo, ou descartar este cartão e obter um novo. Só tenha cuidado. Você não vai querer que alguém roube sua identidade.

Ele riu da própria piada, e eu pude ver o garoto que ele costumava ser passar rapidamente pelo seu rosto, sentado ao lado de Petra e ao meu no almoço, comendo seu sanduíche enquanto fazia a lição de matemática, o fardo de quem esperavam que ele se tornasse já pesava sobre ele.

— Obrigada, Nico. — Entreguei a ele o envelope contendo dez mil dólares, uma pequena parte do dinheiro que eu havia conseguido desviar e guardar nos últimos seis meses. Cem dólares aqui. Outros duzentos ali. Algum reembolso sempre que possível, colocando o dinheiro todos os dias no armário da academia de Petra para que ela o guardasse até que eu estivesse pronta.

Sua expressão ficou séria.

— Preciso que você saiba que, se algo der errado, eu não poderei ajudá-la. Petra também não. Seu marido tem recursos que colocariam a mim, meu sustento, e o de Petra, em risco.

— Eu entendo — respondi. — Você já fez mais do que o suficiente, e eu sou muito grata.

— Estou falando sério. Basta um pequeno fio conectando sua nova vida à antiga para que tudo desmorone. — Seus olhos escuros fixaram-se nos meus e permaneceram assim. — Você nunca poderá voltar atrás. Nem uma vez. De modo algum. Jamais.

* * *

— Rory agendou o voo para partir por volta das dez — informo a Petra agora. — Você se lembrou de incluir minha carta? Não quero ter que reescrevê-la em papel timbrado do hotel dez minutos antes de partir.

Ela acena com a cabeça.

— Está junto com o resto. Endereçada e selada, pronta para ser enviada de Detroit. O que você disse?

Penso nas horas que passei, nas muitas versões que rasguei, rascunhando uma carta que fecharia a porta para qualquer possibilidade de Rory tentar me seguir.

— Eu disse a ele que estava indo embora e que, desta vez, ele jamais me encontraria. Que ele deveria anunciar nossa separação publicamente, dizer

a todos que foi amigável e que eu não daria nenhuma declaração pública ou entrevista à mídia sobre o assunto.

— Uma semana antes de ele anunciar sua candidatura ao Senado.

Dou um sorriso irônico.

— Eu deveria ter esperado até depois?

Assim que economizei dinheiro suficiente para iniciar uma nova vida, comecei a procurar a oportunidade perfeita para ir embora. Estudei nosso calendário do Google com os próximos eventos, procurando uma viagem que eu faria sozinha, concentrando-me em cidades próximas à fronteira com o Canadá ou o México. Encontrei o que precisava na viagem para Detroit. Estou programada para visitar a Citizens of the World, uma escola voltada para justiça social financiada pela Cook Family Foundation. Uma visita à escola pela tarde, seguida de um jantar à noite com doadores.

Recosto-me no banco e olho para o teto, obscurecido por uma camada de vapor, e repasso o resto do plano.

— Aterrissamos por volta do meio-dia. O evento da escola começa às duas, então vou garantir que vamos primeiro ao hotel para que eu possa pegar o pacote e colocá-lo em um lugar seguro.

— Liguei para a locadora de veículos. Eles estão esperando uma sra. Amanda Burns para retirar um carro compacto por volta da meia-noite de hoje. Você vai conseguir pegar um táxi?

— Há um Hilton bem perto de onde estou hospedada. Vou pegar um táxi lá.

— Fico preocupada que alguém veja você saindo com uma mala no meio da noite. Que sigam você. Que liguem para o Rory.

— Não vou levá-la. Comprei uma mochila grande o suficiente para algumas mudas de roupa e meu dinheiro. Vou deixar todo o resto para trás, incluindo minha bolsa e carteira.

Petra assente.

— Caso você precise, reservei um quarto com cartão de crédito no W em Toronto. Estão esperando por você.

Fecho os olhos, o calor vai me deixando tonta. Ou talvez seja a pressão de ter que acertar cada detalhe. Não há espaço para o menor erro.

Sinto os minutos passando. Empurrando-me para o momento em que darei o primeiro de uma série de passos que serão irrevogáveis. Uma parte de mim quer esquecer tudo. Ir para Detroit, visitar a escola e voltar para

casa. Passar mais dias na sauna conversando com Petra. Mas esta é minha chance de finalmente sair. Quaisquer opções que eu tenha agora se reduzirão a nada assim que Rory anunciar sua candidatura ao Senado.

— Hora de ir. — A voz de Petra é suave, e meus olhos se abrem novamente.

— Não sei como te agradecer — digo a ela.

— Você foi minha única amiga durante todos aqueles anos. Não precisa me agradecer. Agora sou eu quem está agradecendo — diz ela. — É a sua vez de ser feliz. — Ela aperta a toalha em volta do corpo e consigo ver o brilho do seu sorriso através do vapor.

Não consigo acreditar que esta é a última vez que nos sentaremos aqui. A última vez que conversaremos. Este local tem sido como um santuário, escuro e silencioso, com apenas nossas vozes sussurradas ao planejar minha fuga. Quem se sentará aqui amanhã com ela? Ou depois?

Sinto o caráter definitivo da minha partida aproximando-se, o quão absoluto será esse fim, e me pergunto se valerá a pena. Se será melhor. Em breve, Claire Cook deixará de existir, os pedaços brilhantes de sua fachada racharão e serão descartados. Não tenho ideia do que encontrarei por baixo de tudo isso.

Trinta e três horas até eu partir.